

Artigo original



Transmasculinidade e performance de gênero: reflexões a partir de um estudo de caso

Transmasculinidad y performance de género: reflexiones a partir de un estudio de caso

Transmasculinity and gender performance: reflections based on a case study

Gabriel Fernandes de Jesus Lemes¹

Marília Alves dos Santos²

¹Faculdade Eduvale de Avaré (Avaré). São Paulo, Brasil. gf.lemes80@gmail.com

²Contato para correspondência. Faculdade Eduvale de Avaré (Avaré). São Paulo, Brasil. marilia.santos@unesp.br

RESUMO | INTRODUÇÃO: A identidade transmasculina consiste em uma expressão de gênero que difere das expectativas sociais atribuídas a partir do sexo biológico. Indivíduos que nascem com vagina se identificam e desejam ser reconhecidos como homens, no entanto, a sociedade os obriga a performar feminilidade desde o nascimento, o que acaba por lhes gerar preconceito e sofrimento. **OBJETIVO:** Este artigo tem como objetivo investigar como se expressa e se vive a performance de gênero masculina de um homem trans em relação ao padrão heteronormativo reconhecido socialmente. **MÉTODO:** Trata-se de um estudo de caso, cujo participante foi um homem trans, maior de idade e residente no estado de São Paulo, com quem realizamos uma entrevista semiestruturada. Os dados foram discutidos com base na proposta de Análise de Conteúdo de Bardin, utilizando principalmente do conceito de performatividade de Judith Butler e outros escritos da Teoria Queer. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** Obtivemos quatro categorias/temas de análise: a infância do participante já transgredindo as concepções de gênero dominantes; a adolescência e o não reconhecimento na feminilidade imposta socialmente; o preconceito sofrido pela comunidade transexual; e a atual forma de viver do participante e suas novas possibilidades. **CONCLUSÃO:** Os resultados apontam que há uma ambivalência na performance de gênero resultante da pressão social, entretanto, o entrevistado vem emancipando sua existência e buscando espaços que não contestam sua identidade.

PALAVRAS-CHAVE: Masculinidade. Identidade de Gênero. Estudo de Caso. Análise de Conteúdo.

RESUMEN | INTRODUCCIÓN: La identidad transmasculina consiste en una expresión de género que difiere de las expectativas sociales asignadas a partir del sexo biológico. Las personas que nacen con vagina se identifican y desean ser reconocidas como hombres; sin embargo, la sociedad les impone la performance de la feminidad desde el nacimiento, lo que les genera prejuicios y sufrimiento. **OBJETIVO:** Este artículo tiene como objetivo investigar cómo se expresa y se vive la performance de género masculina de un hombre trans en relación con el patrón heteronormativo reconocido socialmente. **MÉTODO:** Se trata de un estudio de caso, cuyo participante fue un hombre trans, mayor de edad y residente en el estado de São Paulo, con quien realizamos una entrevista semiestruturada. Los datos fueron analizados con base en la propuesta de Análisis de Contenido de Bardin, utilizando principalmente el concepto de performatividad de Judith Butler y otros escritos de la Teoría Queer. **RESULTADOS Y DISCUSIÓN:** Obtuvimos cuatro categorías/temas de análisis: la infancia del participante ya transgrediendo las concepciones de género dominantes; la adolescencia y la no identificación con la feminidad impuesta socialmente; los prejuicios sufridos por parte de la comunidad transexual; y la forma actual de vida del participante y sus nuevas posibilidades. **CONCLUSIÓN:** Los resultados indican que existe una ambivalencia en la performance de género como resultado de la presión social; sin embargo, el entrevistado viene emancipando su existencia y buscando espacios que no cuestionen su identidad.

PALABRAS CLAVE: Masculinidad. Identidad de Género. Estudio de Caso. Análisis de Contenido.



ABSTRACT | INTRODUCTION: Transmasculine identity consists of a gender expression that differs from the social expectations assigned based on biological sex. Individuals born with a vagina identify as men and wish to be recognized as such. However, society imposes the performance of femininity upon them from birth, which leads to prejudice and suffering. **OBJECTIVE:** This article aims to investigate how the masculine gender performance of a trans man is expressed and experienced in relation to the socially recognized heteronormative standard. **METHOD:** This is a case study whose participant was an adult trans man residing in the state of São Paulo, with whom we conducted a semi-structured interview. The data were analyzed based on Bardin's Content Analysis framework, drawing primarily on Judith Butler's concept of performativity and other writings from Queer Theory. **RESULTS AND DISCUSSION:** Four categories/themes emerged from the analysis: the participant's childhood already transgressing dominant gender conceptions; adolescence and the lack of identification with socially imposed femininity; prejudice experienced within the trans community; and the participant's current way of living and emerging possibilities. **CONCLUSION:** The findings suggest an ambivalence in gender performance resulting from social pressure; however, the interviewee has been reclaiming his existence and seeking spaces that do not challenge his identity.

KEYWORDS: Masculinity. Gender Identity. Case Study. Content Analysis.

Introdução

Esse artigo apresenta a pesquisa desenvolvida para o Trabalho de Conclusão de Curso em Psicologia do autor sob orientação da coautora, cujo objetivo foi investigar como se expressa e se vive a performance de gênero masculina de um homem trans em relação ao padrão heteronormativo reconhecido socialmente. Para tanto, apresentamos um estudo de caso único (de natureza exploratória e com abordagem qualitativa) fundamentado na Teoria Queer e no conceito de performatividade de [Butler](#) (2018).

Para [Bento](#) (2008), pode-se definir transexualidade como “um desdobramento inevitável de uma ordem de gênero que estabelece a inteligibilidade dos gêneros no corpo” (p. 19). A autora acrescenta ainda que é uma experiência identitária formada a partir de um conflito com as normas de gênero que foram dispostas de uma maneira em que se supõe uma naturalidade. Aqui, portanto, há uma crítica segundo a qual essa vinculação entre genitália e gênero é equivocada, destacando que é algo postulado no século XIX, já que ao longo da história há múltiplos registros que indicam diversidade nas expressões e percepções do gênero.

É interessante notar que o corpo só ganha materialidade após o exame ecográfico e o anúncio do médico de qual é o sexo do feto. A partir disso, quando esse nasce, está emaranhado em “uma complexa rede de desejos e expectativas para seu futuro” ([Bento](#), 2008, p. 35). As expectativas dos pais e demais familiares são materializadas nos brinquedos, cores e roupas, de modo que “antes de nascer já está em um campo discursivo” (p. 36). Então a produção de masculinidades e feminilidades está condicionada a um órgão genital, construindo-se por meio de afirmações e proibições.

Desta forma, evidencia-se uma construção social do gênero em que as pessoas trans vivenciam a dificuldade de performar conforme desejam, já que existe a leitura antecipada e biológica do gênero, vivenciando barreiras de sociabilidade. [Almeida e Santos](#) (2021) mencionam os diferentes episódios de intolerância, insulto e rejeição sofridos por tal população que podem culminar em expulsão domiciliar e escolar, dificuldade de inserção no mercado de trabalho e enfrentamento a diferentes tipos de violência, acarretando solidão e desamparo dessa população.

A transmasculinidade, em específico, pode ser compreendida como a experiência subjetiva de indivíduos com designação sexual biológica feminina que psicologicamente e socialmente compreendem-se como sujeitos do gênero masculino. Desta forma, buscam reivindicar um reconhecimento social em conformidade, podendo fazer uso de cortes de cabelo curto, uso de roupas lidas como masculinas, uso de nome social (adesão de um nome que reconhecem para ser chamados por outras pessoas), uso de *binders* (formas de comprimir os seios para um peitoral mais reto), mamoplastia (procedimento cirúrgico para retirada dos seios) e uso hormonal para conferir características de um padrão “masculino”, como crescimento de pelos, engrossamento de voz e interrupção da menstruação. Vale ressaltar que não são todos os transmasculinos que buscam o uso dessas tecnologias, visto que não há uma maneira única de ser homem trans. Outrossim, trata-se de recursos culturais que contribuem, mas o uso é feito de forma seletiva e subjetiva por cada um deles para se sentirem mais confortáveis de acordo com sua satisfação de identificação e reconhecimento social ([Ministério da Saúde](#), 2019; [Miranda](#), 2022).

Para [Butler](#) (2018), o gênero é uma fabricação, tratando-se apenas de fantasias que são submetidas sobre os corpos de maneira superficial. Não há necessariamente uma verdade embutida nesses gestos e atos, tampouco uma mentira. O que há são discursos que instituem uma estabilidade identitária primária que deve ser seguida. Existe todo um campo discursivo construído por afirmações e proibições: é possível compreender que há normas que operam e materializam o sexo das pessoas, estas são repetidas e reiteradas, no entanto não há uma conformidade por parte das pessoas para agirem segundo tais normas. Logo, o gênero não é natural e cristalizado, é algo performativo e reiterado, sendo este o cerne do conceito de performatividade de [Butler](#) ([Almeida & Santos](#), 2021; [Louro](#), 2001).

Conforme [Bento](#) (2008) elucida, é um passo muito importante compreender o gênero como uma repetição estilizada de atos, pois é só a partir disso que diálogos sobre outras formas de se comportar serão mais abertos, em que o caráter biológico deixará de ser considerado como principal identificador sobre esse conceito. Segundo a autora, o gênero é, na verdade, postulado de maneira social, pois essa restrição, como já foi identificado, é uma disputa que gera discursos que legitimam a existência de uns — os cisgêneros — e silencia, exclui e elimina outros — os transgêneros. [Bento](#) (2008) explicita que se o gênero é performático significa que tanto as identidades cis quanto as identidades trans estão em uma mesma lógica de performance, seja do masculino ou do feminino, com a diferença de que se convencionou a legitimidade a partir da genitália com que o indivíduo nasceu.

Esse ideal de masculino vincula-se ao patriarcado e se sobrepõe, discriminando tudo o que não for equivalente a ele, de modo que pessoas que performam o feminino ou uma masculinidade dissidente, independentemente da genitália, são consideradas inferiores, podendo sofrer diferentes tipos de violência. Há uma regulamentação dos corpos e um privilégio do cisgênero, o que pode ser

denominado de heteronormatividade, um método e uma norma cultural que classificam e condenam as identidades não-cis e não-héteras ([Almeida & Santos](#), 2021; [Vargas](#), 2021). Em decorrência dessas circunstâncias, temos o que [Benevides](#) (2024) chama de “hierarquia estética”, que é esse padrão pautado na cisgeneridade que se estabelece como um fator de risco para a violência transfóbica.

Entendemos que há relevância social e científica na temática da performatividade de pessoas trans em geral. Esse público sofre preconceito, dentre outros motivos, pela dissidência de gênero em que seu posicionamento como sujeito não está em consonância com a genitália conforme é esperado pela sociedade ([Pimentel](#), 2023). Contudo, a ideia difundida de que é necessário agir em conformidade ao órgão biológico e que há padrões específicos de comportamento esperados e aceitáveis é um equívoco social, repercutindo de forma negativa na percepção singular do sujeito. Assim, percebemos que não há qualquer fundamento para o preconceito, somente uma errônea política cultural heteronormativa.

Nessa vertente, a maioria dos estudos *Queer* se baseiam em discussões sobre travestilidades e trans-femininos, sendo tais estudos escassos no que se refere à performance transmasculina. Além disso, é notado que no meio acadêmico alguns estudos que se propõem à temática estão equivocados e recaem em um estigma patologizante. Desta forma, conforme explicam [Almeida e Santos](#) (2021) e [Miranda](#) (2022), os estudos nessa direção podem ser significativos em contrapor o aprisionamento biologizante e heteronormativo que é imposto a esses sujeitos.

A hipótese central que mobilizou essa pesquisa é a de que há uma ambivalência para o sujeito quando precisa recorrer aos símbolos culturalmente associados à performance de masculinidade hegemônica e, por consequência, à cisheteronormatividade. O transmasculino está impossibilitado de aderir a todos os aspectos desta performance, o que lhe pode gerar sentimentos antagônicos: ao mesmo tempo que há a possibilidade de inclusão, há uma exclusão.

Metodologia de coleta e análise dos dados

A pesquisa aqui relatada foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) e aprovada sob número de CAAE 79956424.2.0000.5423. A pesquisa se configurou como um estudo de caso único, de natureza exploratória e abordagem qualitativa, conforme caracterizado por Gil (2002). Os critérios de inclusão foram: homem transgênero, com mais de 18 anos e residente no estado de São Paulo. O convite para participação na pesquisa ocorreu por meio da divulgação da proposta de pesquisa via redes sociais do pesquisador. Dentre os homens que enviaram e-mail respondendo ao chamado, somente um preencheu os requisitos estabelecidos acima e foi contatado para o procedimento de coleta de dados. Os demais receberam resposta de seu e-mail com agradecimentos pela disponibilidade e explicações acerca da impossibilidade de participação devido a não cumprirem integralmente os critérios de inclusão.

A entrevista ocorreu de maneira online por meio de aplicativo de videoconferência e foi gravada para posterior transcrição. O roteiro semiestruturado da entrevista foi organizado em três eixos estabelecidos a fim de ter um panorama sobre a experiência do indivíduo na busca pela performance e reconhecimento no gênero masculino, sendo eles: sua infância e adolescência; sua vida escolar e laboral; sua vida familiar, social e afetivo-amorosa. No primeiro eixo as perguntas versam, sobretudo, sobre gostos e comportamentos na infância e adolescência, modelos de masculinidade, relação com o corpo e transição de gênero. No segundo eixo investigamos a relação do participante com as demais pessoas de seu trabalho e de seu contexto acadêmico. Por fim, exploramos a relação familiar, amizades, relacionamentos amorosos e o significado de masculinidade.

O tratamento dos dados ocorreu a partir da metodologia de Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2011), técnica frequentemente utilizada em pesquisas de dados qualitativos, uma vez que analisa o que foi dito considerando suas figuras de linguagem e até mesmo as entrelinhas do discurso. A Análise de Conteúdo empreendida foi desenvolvida em três etapas: (1) uma pré-análise, seguida por (2) exploração do material e finalizada com (3) o tratamento dos dados, este último atuando de forma crítica e reflexiva.

Com a entrevista transcrita, iniciaram as leituras fluídas do material coletado. Aos poucos os pesquisadores apreenderam e organizaram os significados conforme surgiram, destacando as frases com significados que estão em consonância com os objetivos da pesquisa, constituindo a exploração do material. Com essas duas etapas concluídas, conforme a metodologia proposta pela autora, foi feita a síntese interpretativa que englobou o material, as referências teóricas que fundamentaram e os objetivos buscados pelos pesquisadores. Como explicita a autora que desenvolveu a técnica: “entre as diferentes possibilidades de categorização, a investigação dos temas, ou análise temática, é rápida e eficaz na condição de se aplicar a discursos diretos (significações manifestas) e simples” (Bardin, 2011, p. 201). Ao fim do tratamento, obtiveram-se quatro categorias/temas a serem discutidos, sendo eles: (I) Infância: “Sempre fui bem molecão”; (II) Autopercepção: “Eu nunca me vi como mulher”; (III) Violências: “Ele não respeitava minha identidade de gênero”; e (IV) Expressão de gênero: “Eu não acho que tem uma forma correta de você ser homem ou ser mulher”.

Os dados qualitativos levantados nesta pesquisa, por se tratar do relato de vida do participante, tiveram uma análise ratificada nas produções da Teoria Queer, em especial a partir do conceito de performatividade de Butler (2018), conforme explicado na Introdução deste trabalho, além de obras de autores nacionais que discutem o tema da transgeneridade e de gênero.

Resultados e discussão

Ivan, 29 anos, iniciou sua transição aos 20 anos e participou de uma entrevista com duração de aproximadamente 50 minutos. As categorias abaixo apresentam melhor nosso participante.

I) Infância: “Sempre fui bem molecão”

A descoberta de uma gravidez é um momento único para o casal e expectativas são geradas em torno do feto. O sexo da criança, ao ser anunciado nos exames pré-natais por volta dos quatro meses de gestação, encerra a abstração que as pessoas tinham e,

a partir disso, as expectativas e suposições se firmam no que é heterocisnormativamente esperado para um menino ou para uma menina (Bento, 2008). Tais expectativas e suposições são performativas porque são sustentados de maneira discursiva e por signos corpóreos que foram decididos de maneira social e atuam principalmente na superfície do corpo, viabilizando e permitindo sentidos (Butler, 2018).

Enquanto uma criança recebe de presente bonecas, utensílios de cozinha, vestidos (sendo a cor rosa predominante em todos esses objetos), ela também é constantemente repreendida para ser discreta, cuidadosa, pedir desculpas, ser bondosa. Essa é a produção da feminilidade normativa. Enquanto a produção da masculinidade é pautada em presentes como carros, bolas, revólveres de plástico, dentre outros brinquedos e brincadeiras que estimulam o esforço físico – uma forja de masculinidade que principia a violência consentida e a competição (Bento, 2008; Louro, 2000). A concepção da masculinidade agrega então elementos que demonstram força e superioridade, sendo feita uma estereotipação sobre como deve se agir e se portar, apenas com atitudes fundadas para demonstrar essas características que são aceitáveis na sociedade (Barbosa et al., 2024).

Nesse sentido, a experiência infantil é marcada pelas expectativas e imposições sociais relativas ao gênero. Bento (2008) constata como esses sujeitos vivem em um conflito com as normas de gênero e com uma dificuldade de localizar a fonte desses atritos. A autora problematiza:

Como é possível afirmar que todas as crianças que nascem com vagina gostam de rosa, de bonecas, brinquedos que não exigem muita força, energia e inteligência? Aquilo que evocamos como um dado natural, o corpo-sexuado, é resultado das normas de gênero, como afirmar que existe um referente natural, original para se vivenciar o gênero, se ao nascermos já encontramos as estruturas funcionando e determinantes o certo e o errado. (p. 22)

No caso de Ivan, é perceptível por sua entrevista a apropriação de alguns símbolos da masculinidade hegemônica já nessa etapa de desenvolvimento. Uma de suas primeiras afirmações acerca de sua infância é: “eu detestava rosa e rejeitava assim”. Ele relata uma situação específica:

uma vez minha mãe comprou uma calça para mim, minha mãe e meu pai compraram uma calça para mim, e tinha um pingente rosa, só o pingente sabe? Uma calça jeans e eu falei que eu não ia usar, detesto rosa, não sei o quê, não ia usar, fiz até o maior escândalo.

Nesta passagem é perceptível o efeito das imposições culturais para ser visto como menino: ele precisava negar aquela cor até mesmo em um pequeno detalhe da sua vestimenta. Nota-se que há uma aversão aos objetos generificados, visto que os sujeitos se comunicam através dos acessórios, das roupas e das cores que usam, como apontado por Louro (2000), Bento (2008) e Barbosa et al. (2024).

A partir do apontamento de Butler (2018, p. 50) de que “uma pessoa é o seu gênero na medida em que não é o outro”, interpretamos a fala acima como um questionamento: como poderia o participante ser um menino se usava rosa? Outro ponto de destaque em seu discurso é de que: “detestava meu cabelo”. Por ter um cabelo comprido, seu jeito de lidar é elucidado em “vivía preso sempre”. Conforme Almeida e Santos (2021) constatam, o conhecimento das preferências é antecessor à descoberta de uma transsexualidade: “o desenvolvimento da própria identidade como um homem trans é um processo no qual seu sentido se desvela antes mesmo que se possa nomeá-la” (p. 11).

Outra característica marcante em sua infância e que faz questão de manter presente até hoje é a prática de esportes, sobretudo de futebol. Ele afirma: “eu gostava de jogar com os meninos, jogava futebol com eles”. A predileção por futebol é uma característica identificável na vida e na performance da masculinidade hegemônica. Alguns autores, como Louro (2000), identificam isso como uma pressão, um interesse masculino obrigatório, que na idade escolar inclusive é visto como um dos principais meios de socialização entre meninos, uma atividade entre os pares que gera aliança entre eles, ao mesmo tempo em que a prática também contribui para a competição e o enfrentamento.

Esper et al. (2022) atentam-se que a construção dos gêneros é um produto histórico, de modo que as brincadeiras infantis buscam mimetizar o que os adultos fazem e refletem um “microcosmo da cultura” (p. 3), enquanto a criança busca constantemente reproduzir esses símbolos e apropriar-se deles.

O exemplo do entrevistado de que ele gostava de mais de “correr por aí, de me meter no mato, e de explorar lugares/casas abandonadas”, aponta para a coragem e aventura que são constantemente estimuladas para a performance masculina.

Uma experiência comum na infância é a de explorar sua sexualidade, desde a relação com o próprio corpo, como também no corpo do outro. Pode-se citar o namoro infantil, este é explorado não só pelas crianças, mas também é possível constatar que o conceito de namoro é comumente empregado pelos pais, mesmo sabendo que crianças, de fato, não namoram (Silva, 2023). Essa curiosidade exploratória é identificada quando Ivan relata que “tinha uma namoradinha que eu tive quando eu era criança e a gente começou a tipo ter algumas experiências sexuais juntos, eu era menina, né, ela terminou comigo por causa disso”.

É significativo notar que o interesse e curiosidade de explorar o corpo de um outro também estava em um corpo-sexuado comparável ao seu, não havia o interesse de explorar o inverso. É interessante pois, como destaca Silva (2023), as enunciações de namoro de adultos para criança estão pautadas no modelo hegemônico heterocentrado, de modo que discursivamente impera a cisheteronormatividade. Contudo, isso não impediu a expressão dele com uma menina.

Como pode ser observado, entendemos que as experiências de Ivan foram todas encaradas na infância com simplicidade. A aquisição dos símbolos do universo declarado culturalmente como masculino foram vivenciadas de forma espontânea e a sua performance foi condizente com a de um menino, no entanto, não havia uma compreensão consciente de tais escolhas. Até o momento, compreendemos ser perceptível em sua fala que as oportunidades se encadearam e ele vivia sem refletir e/ou questionar-se sobre elas. A transexualidade não havia se descortinado como possibilidade.

II) Autopercepção: “Eu nunca me vi como mulher”

É perceptível que já na infância há uma construção de dois polos da performance de gênero que demandam formas de agir, preferências e habilidades que podem ser consideradas opostas. Desde cedo são naturalizados alguns comportamentos para meninas e outros para meninos, sendo a fundamentação para isso a diferença anatômica que se faz como argumento para expectativas sociais distintas.

A criança constrói imagens e expectativas através da história, da cultura e de simbolismos, passando a compreender o que é esperado dela. Há uma tentativa de se enquadrar naquilo que é imposto e legitimado pela sociedade a partir dessa suposta simetria entre sexo-gênero-orientação sexual, uma “verdade” universalizada, naturalizada mediante a biologia (Bento et al., 2020). Para Bento et al. (2020), essa estereotipação generificada tomada como verdade absoluta é suficiente para causar sofrimento e exclusão naqueles que não cumprem com essas normas culturais. Podemos assimilar isso na fala de Ivan quando declara:

Eu não era feliz sabe... Eu não era ninguém, na verdade, então não tem como ser feliz, né. Tipo, eu era um nada andando e arrastando eu sem entender o que estava acontecendo também... A gente se sente muito sozinho... às vezes alguém que está ali olhando para você, que está te vendo de fora e pode te ajudar mas não vai, né... porque essa pessoa não quer que você seja quem você é.

Conforme apontado por Almeida e Santos (2021), a experiência trans é marcada por desafios únicos em que são postos obstáculos emocionais e sociais para o sujeito, pois há um esforço em se compreender e se fazer compreendido. Bomtempo e Mendes (2020) salientam que “essa incongruência entre corpo físico e gênero com o qual o indivíduo se identifica gera um quadro de desconforto e sofrimento” (p. 40). Durante a entrevista, Ivan chegou a dizer que começou a parar de fazer as coisas, que foi tendo um desinteresse. Isso, somado ao relato de que se sentia “um nada”, torna possível interpretar como um momento de sofrimento em sua juventude.

Outro marco importante é que ele “não sentia vontade de tirar foto”, algo que é contraposto em sua experiência cotidiana, já que, segundo ele, “hoje tiro foto o tempo todo”. Para Miranda (2022) é perceptível que a experiência trans gera um retraimento social e que na dificuldade de se reconhecer, o indivíduo possivelmente passa por uma redução da autoestima e, talvez, por quadros depressivos.

Bento (2006) identifica no discurso de pessoas trans afirmações de não reconhecimento sobre si neste período da juventude em que há uma dificuldade em compreender seu próprio gênero longe das disposições sociais. A falta de respostas satisfatórias da infância para a adolescência persiste, havendo também

uma falta de categoria na qual se incluir e cada vez menos identificação com a imagem que vê ([Gomes & Aragão, 2022](#)). Por exemplo, segundo Ivan, o nome anunciado no seu nascimento não refletia seu gênero verdadeiro, era uma marca vinculada apenas a um equívoco de paridade entre sexo e gênero. “Eu lembro quando falava o meu nome... Eu falava tipo de um jeito meio assim como quem não quer falar”.

A transexualidade é percebida como ocultada para crianças e adolescentes, uma temática que eles podem vivenciar, mas não nomear e, pior, irão se sentir solitários porque não parece haver alguém que partilhe da mesma experiência. Na fase adulta de Ivan, por volta do ano de 2016, ele entrou em contato com um termo que mudou tudo para ele. Eis o relato:

Eu estava lendo alguma coisa na internet, uma matéria me chamou a atenção, e aí eu lembro que eu li, eu não lembro o que era a matéria, mas eu lembro que eu li a palavra ‘trans’, foi a primeira vez que vi essa palavra... Aí eu olhei aquela palavra assim e lembrei de algumas experiências que ficam na cabeça batucando.

[Almeida e Santos \(2021\)](#) e [Miranda \(2022\)](#) identificam experiências muito similares a essa em outros homens trans. Em um contato, seja por meio de chats e fóruns eletrônicos ou até mesmo conhecer pessoalmente alguém que faça parte desse grupo identitário, uma epifania se sucede e fragmentos das suas experiências ímpares tomam novos significados.

É interessante que outra similaridade compartilhada entre os indivíduos dessas pesquisas e da atual é a de que anterior a esse contato identificatório que passaram, esses homens que tentavam viver como mulheres se empossaram de uma orientação sexual não heterossexual: nas pesquisas, ambos assumiram uma orientação lésbica. Nosso entrevistado afirma:

Eu tinha raspado o cabelo na época, doei... Minha mãe ficou, nossa... Assim, decepcionadíssima, triste, preocupada... Eu já tinha contado para ela que eu achava que era bi [bissexual], isso foi horrível para ela também, mas eu lembro que ela perguntou para mim assim: ‘você quer ser homem?’... E eu fiquei tipo ‘não, não quero não’, mas é marcante essa pergunta dela.

Como [Louro \(2000\)](#) defende, o corpo é o bem mais estável como referência identitária, obtendo significados por meio da cultura. Faz-se uso de adornos para se adequar ao grupo que pertencemos, desde

roupas, cuidados físicos, aromas para possibilitar a diferenciação etc. A adoção de símbolos de referência masculina, muitas vezes, faz-se necessária para que este homem tenha maior reconhecimento neste gênero ([Bento 2006](#); [Louro, 2000](#)). No último trecho, é perceptível que o raspar do cabelo foi uma das atitudes de referência que impactaram na identidade de Ivan. Ele ainda menciona a hormonização que começou em 2020, período que coincide com a troca de nome e com o “contar para as pessoas e lidar com toda essa situação”. O momento de assumir sua identidade é também o de lidar com essa situação em relação aos outros.

III) Violências: “Ele não respeitava minha identidade de gênero”

Ao abordar a temática da transexualidade não é possível deixar de fora o impacto que a medicina impôs a essas identidades. É no início do século XX que são desenvolvidas as primeiras pesquisas relacionadas a pessoas que se vestiam com roupas opostas ao esperado socialmente. Deste ponto em diante, o desenvolvimento científico começou a discutir sobre algo psicológico que fazia esses sujeitos se identificarem de forma diferente do seu corpo, um possível distúrbio ou transtorno. Esses estudos se dedicavam apenas em mencionar uma incongruência entre as características sexuais e o gênero ([Ramalho, 2023](#)). São nesses termos que também a medicina busca o que reconhecem como a única “solução”: como eles quebram a lógica vigente de ter uma conformidade entre sexo-gênero-sexualidade, coloca as pessoas trans em uma posição obrigatória de “se corrigir”, alinhando todas essas características ([Ramalho, 2023](#)).

Essas narrativas médicas foram, portanto, as responsáveis pela delimitação da experiência trans, produzindo concepções fixas, de modo que a lógica instituída de sexo-gênero-sexualidade prevalece até os dias atuais. A cirurgia pode, sim, ser uma forma elegida por pessoas trans para expressarem sua identidade, no entanto, não deve ser interpretada como única possibilidade. A patologia não fica a cargo do órgão sexual, mas sim das exclusões sofridas por essa leitura da sociedade que erroneamente constata uma inconsistência a ser corrigida ([Siqueira, 2024](#)).

Desta forma pode-se identificar como é contextualizado o preconceito pelo qual pessoas transexuais passam a partir de anos de equívoco científico, desde

um enquadramento patológico sofrido por essas identidades - que era justificado por discursos que optaram por naturalizar algo e colocar o que fosse diferente em um extremo que sujeitou a situação de “abjeto” (Butler, 2018, p. 185) - a um lugar que já não são consideradas desumanizadas. Por conta da suposta autoridade dos que produziram isso, a sociedade compactua e reinscreve os mesmos dizeres, estigmatizando essas existências de forma repentina, tendo como expectativa o que Butler (2018, p. 35) denomina de “corpos inteligíveis”, esse conjunto de conceitos que estabilizam o esperado para sexo, gênero e sexualidade. A autora ainda ressalta que o conceito de “pessoa” é descartado para aqueles que apresentam uma “falta de continuidade” ou “incoerência”, não estando em conformidade com as normas definidas pela inteligibilidade cultural.

Retomemos aqui a lembrança de Ivan: um momento na infância em que a professora da escola oportunizou que brincasse do que quisesse e optou por brincar com os carrinhos e suas amigas na época também se divertiram; em um segundo dia, ressalta que elas não aceitaram mais.

“Eu chamei elas para brincar disso de novo e elas não aceitaram”. Ainda sobre a infância, relata que percebia ser visto de forma que era censurado pelos outros, sendo que um reflexo disso está no “afastamento das meninas, a minha irmã ela tem muitos amigos da época da escola, mas eu vejo que eu não, sabe”. Assim, pode-se perceber os efeitos da inteligibilidade imposta pela sociedade repercutindo em uma exclusão do entrevistado pelo não cumprimento da performance de gênero esperada desde sua infância.

Em tempos mais atuais, Ivan relata também uma dificuldade em uma das relações afetivo-sexuais em que, apesar da parceira estar ciente de sua identidade, havia uma insistente tentativa de reposicioná-los nos padrões de sexo-gênero-sexualidade. Ele relata: “Eu vejo que era exigido de mim um papel... Um papel de homem cisgênero e se eu tivesse aceitado ficar nesse papel a gente estaria junto”.

Almeida e Santos (2021) pontuam essa dificuldade da experiência trans no estabelecimento de relações afetivo-sexuais indicando que casais formados entre pessoas trans e pessoas cis são estigmatizados por uma transgressão à normativa da inteligibilidade.

Além do sexo-gênero-sexualidade ter de seguir uma ordem específica, a prática sexual também é compreendida socialmente a um único caminho, sendo impostos uma binariedade e um limite para o que é considerado praticável pelos corpos.

Ivan traz como relato uma experiência proposta por ele que vai na contramão do que é proposto como masculinidade: ele sugere uma experiência de passividade diante dessa parceira, que aceita; após a prática, um sentimento de culpa religiosa é sentido pela namorada, o que somado com essa forte demanda dela por ele ocupar um lugar de masculinidade que não lhe corresponde acarreta o encerramento do relacionamento. Essas práticas advindas de um *script* cisheteronormativo podem ser superadas pelo casal, as relações constituídas de confiança podem constituir um espaço que privilegie sobretudo a satisfação de ambos os envolvidos, dando liberdade para experimentações e transcendendo criativamente os papéis estabelecidos (Almeida & Santos, 2021).

Essa cobrança se estende para outras relações do entrevistado. A partir do momento que ele fez adoção do uso de hormônios que propiciam o crescimento de pelos no corpo, por exemplo a barba que ele fez questão de deixar crescer, ele pontua que começou a ser cobrado a frequentar a academia, inclusive menciona explicitamente:

Eu fui ficando com mais barba e tal, galera me cobrou muito de fazer academia, sabe. Eu ficava puto com isso, que eu odeio que falem que eu tenho que fazer alguma coisa assim, e aí eu ficava me sentindo cobrado como se eu tivesse que provar minha masculinidade, sabe?

Conforme Butler (2018) explica, ao longo do tempo os discursos produziram estilos corporais dando uma impressão de naturalidade nos corpos sexuados em uma lógica binária. Esses elementos, portanto, compõem parte de uma ilusão em que um sujeito está constantemente marcado por um gênero. Entre eles, podemos mencionar um corpo com músculos tonificados vinculado ao masculino.

A musculação não é a única característica que a sociedade interpreta como possível em um processo de “masculinização” que Ivan não compactua, mas que foi incentivado a adotar. Ele complementa falando sobre seu corte de cabelo que hoje em dia é

mais curto apesar de já ter sido comprido a ponto de chegar em suas espáduas. Ele menciona: “Eu tinha um cabelo grandinho, né, e a minha avó detestava, e ela ficava insistindo que eu cortasse”. Diante dessa insistência e dos benefícios no cuidado dos cabelos mais curtos, aderiu a este modelo. É interessante que ele complementa com sua percepção de que “como é uma cidade pequena, percebi que a aceitação das pessoas sobre mim ficou muito melhor depois que eu cortei o cabelo”.

Conforme já mencionado, a adesão a essas tecnologias e referências simbólicas para compor a identidade de gênero de cada indivíduo, principalmente nas identidades transexuais, cabe a cada sujeito segundo o que identifica como mais adequado para si.

[Bento](#) (2006) constata que a transexualidade como evidência de que o gênero é imitativo, sem ontologias ocultas, é deslegitimada, isto é, constantemente se questiona a legitimidade de sua performance/maneira de ser, sendo as pessoas trans colocadas em uma posição de silenciamento, muitas vezes recorrendo a práticas de violência física e/ou simbólica. Isso corresponde ao já mencionado conceito de abjeção ([Butler](#), 2018) a que essas identidades são muitas vezes sujeitas. Desta forma, os conceitos de gênero são cada vez mais tomados de modo errôneo, como regras, oprimindo todas as pessoas.

Dentre essas violências simbólicas, há de se mencionar os discursos permeados na sociedade que tentam verificar a inteligibilidade das identidades, isto é, a todo momento questionar os atributos da performance de gênero de um indivíduo, sobretudo levando como prenúncio a concepção de que não se cumpre a expectativa de uma correlação entre sexo e gênero. Ivan relata diversas experiências em que passou por esse tipo de situação. Sobressalta-se um emprego que teve em uma empresa que considera mais conservadora: durante seus meses lá, mesmo se apresentando como um homem, tendo seu nome social e performando tal como, em duas ocasiões (uma sobre o uniforme e outra sobre uma garrafa de água cortesia da empresa), ambas com objetos que socialmente possuíam marcas de preferência entre masculino e feminino, tentaram fazer com que ele pegasse o feminino. Não obstante, ele afirma que era comum uma funcionária específica tratá-lo no pronome feminino, um aparente “erro” que era insistente, o que após um “sermão” que ele deu, não se repetiu pelos meses seguintes em que esteve empregado lá.

E essa violência não é presente apenas na área de trabalho, vez que a identidade masculina vem sendo marcada também pela sua família, afirmando mais de uma vez que não o vê como homem, sucessivamente questionando sua identidade.

Sobretudo os estereótipos de gênero na sociedade que compõem a masculinidade hegemônica colocam o entrevistado em um *hall* a mais de violências. Ele que já compreende que é falsa a conformidade entre gênero e sexo, elege e performa as características que considera importantes para si. Quando não é seu gênero a ser questionado, é a força da sua masculinidade. Como exemplo, ele menciona uma interação em que pediu uma prestação de serviço para uma empresa e esse atendente se negou a atendê-lo; em sua percepção, o funcionário ouviu sua voz que é mais fina, descredibilizando sua masculinidade e preferindo não o atender. Em suas palavras: “eles nem sabem que eu sou um homem trans, mas eles me viram como um homem gay ali, afeminado”.

É, portanto, necessário resguardar os direitos das pessoas e notar que os conceitos de gênero dispersos em sociedade não são cristalizações advindas antes do sujeito, outrossim, são constantes construções que podem ser elaboradas por cada um.

IV) Expressão de gênero: “Eu não acho que tem uma forma correta de você ser homem ou ser mulher”

[Bento](#) (2006, p. 178-179) menciona que “o ato de pôr uma roupa, escolher a cor, compor um estilo, são ações que fazem o gênero, que visibilizam e posicionam os corpos sexuais, os corpos em trânsito ou os corpos ambíguos”. Nosso participante não faz distinção entre o que é masculino ou feminino, como fica expresso quando falamos sobre vestimenta, maquiagem e acessórios como brinco. Na ocasião, ele diz: “acho que a coisa mais bonita que tem é você ser autenticamente aquela pessoa sabe” e “para mim, é uma roupa, sabe”. Do ponto de vista de Ivan, esses acessórios e adesões possuem para a sociedade uma interpretação de gênero, de modo que o participante faz uso de alguns para que seja lido de forma masculina pela sociedade. Entretanto, fica evidente em sua fala que, para ele, não são naturalmente marcados por um gênero, consequentemente, poderia facilmente intercambiar o uso deles conforme se sente confortável. A adoção de um corte mais curto possibilitou uma melhor aceitação social na cidade em que vive;

a hormonização que propiciou o crescimento de barba também foi bem-vinda, a musculação também surte efeitos na autoestima dele, com um aumento quando comparado quando mais jovem. Tais elementos são perceptíveis quando ele menciona que hoje em dia tem vontade de tirar fotos com frequência.

Ainda sobre a academia, ele relata que fazia uso de faixa de compressão, tecnologia mencionada pela cartilha do [Ministério da Saúde](#) (2019) e [Miranda](#) (2022) como uma forma de compressão dos seios naturalmente protuberantes da anatomia fêmea, até que em um dia ele decide deixar de usar o acessório pois vinha perdendo seu sentido e passando a ser mais um desconforto. Mesmo preocupado com o possível julgamento social por ser um homem com seios, socialmente associados ao feminino, iria deixar de usar. Apesar da faixa entrar em desuso, na entrevista Ivan relata sua cirurgia de mastectomia marcada para acontecer no mesmo mês. No entanto, também apresenta um pensamento crítico quanto ao julgamento social por um peitoral protuberante ser associado à feminilidade, expresso em:

Por que os seios de homens, de transmasculinos, de homens trans, incomodam tanto? Por exemplo, tem muitos homens que tem peito, tenho amigos com sobrepeso que tem muito mais peito que eu, tá ligado? E, tipo, eles não estão sendo questionados se eles são homens ou não, ninguém está falando para eles colocarem um sutiã, sabe?

A discussão não deve ficar apenas na legitimação das experiências trans, mas como posto por [Bento](#) (2008), a transexualidade, ao transitar e reconstruir sua identidade, nega completamente que há um precedente biológico explicativo. Se as identidades cis hegemônicas reiteram esse equívoco, o trans carrega consigo a possibilidade de discussão e invalidação dessa hipótese, de forma que a legitimação se estende a outras experiências, considerando que as pessoas são singulares e suas vivências também.

Como discutido anteriormente, os estudos inaugurais sobre sexualidade frisam uma percepção de que gênero é correlacionado ao sexo, à genitália. São as pesquisas mais recentes que desenvolvem novas perspectivas sobre a temática. Este tópico é justamente algo levantado por Ivan:

A gente sempre tá nessa questão da sociedade falocêntrica de pau e tal, e também nós [transexuais] que estamos mais próximos desse debate não seremos distante, por que precisamos ter pau para ser homem? Tem homens também que não tem pau, que perderam porque tiveram câncer, falta de higiene que é algo muito sério, ou sei lá, que tem um pênis minúsculo.

A literatura aponta que a passagem pela cirurgia de penectomia impacta na biografia desses homens: se antes sentiam-se representados pelo padrão de masculinidade hegemônico, após o procedimento eles encontram-se subalternizados, já que o símbolo máximo de sua virilidade foi retirado ([Oliveira et al.](#), 2022). Porém, como o estudo de [Oliveira et al.](#) (2022) destaca, a perspectiva de perda da masculinidade advém do próprio homem que passou pela penectomia, nenhum estudo foi identificado sobre a correlação da masculinidade do indivíduo penectomizado em relação à sociedade. Outro ponto interessante é que, mesmo com esse sentimento de subalternização, identifica-se que esses homens buscam discursos fora da ordem da genitália para buscar a posição hegemônica que ocupavam, comparando outras características com outros homens.

Como é desenvolvido ao longo deste trabalho, a normativa de inteligibilidade de gênero constitui noções e scripts afetivos para serem seguidos até por pessoas que desejam sair destas normas, aqui sendo representado principalmente pela transmasculinidade. A construção familiar é um dos fenômenos que é impactado por essas diretrizes sociais: pai-homem e, consequentemente, a leitura de pênis-homem-hétero, enquanto mãe-mulher interpretado por vagina-mulher-hétero, tornando a gestação facultativa apenas à mulher ([Nascimento et al.](#), 2023). No entanto, se existem homens com útero, é necessária uma mudança de termo para falarmos de “pessoas que gestam”. Tal temática é levantada por Ivan, quando este menciona uma palestra que participou em que um discurso falava sobre o assunto e ele complementa: “Eu acho incrível, eu tenho vontade de ter um filho biológico inclusive, um tema muito polêmico”.

O entrevistado toca em tópico que vem sendo discutido pela literatura. A polêmica que ele menciona pode ser interpretada à luz dos estudos de [Nascimento et al.](#) (2023) que descrevem como a sociedade vê como algo paradoxal esta escolha de homens trans.

A gestação, como símbolo de maternidade e feminilidade, parece ser contrária à tentativa dessas identidades de serem lidas conforme masculinas, assim, uma forma de se expressar que desestabiliza as compreensões, já identificadas como equivocadas, da sociedade. O diálogo sobre aborto e parentalidade precisa ser ampliado para as demais identidades. A experiência transmasculina corrobora a ideia de que gestação é um processo plural, sendo o fenômeno agregado por transmasculinos que ressignificam tanto para si, quanto expõem para a sociedade que os limites são menos delineados do que se propaga.

Ao fim dessa categoria, fica a dúvida do que significa “ser homem” fora das concepções biológicas. Para responder a essa questão, tomemos emprestadas as palavras de Ivan, nosso entrevistado que considera “homem” um conceito:

Vou começar pelo que eu acho que não é ser um homem, né. Eu não acho que ser homem é ter um pau, acho que também pode ser, mas não acho que é só isso. Não acho que ser homem é usar certo tipo de roupa. É que assim, pra mim ser homem está muito ligado a essa construção social que a gente tem, sabe? A gente tem uma construção, né, dividida entre homem e mulher, tem esse binarismo... Então toda vez que a gente foge desse conceito do que é ser homem... Que ninguém consegue se aproximar verdadeiramente... Não me importo tanto com essa definição, sabe? Mas ser homem pra mim é aquele que diz que é homem!

Considerações finais

Conforme explorado ao longo do trabalho, pode-se fazer uso do conceito de performatividade para se compreender o gênero e tentar, por meio dele, apreender que os preconceitos vivenciados, principalmente por pessoas trans, quando pautados nos discursos científico biológico-médico, são equivocados e precisam ser combatidos e desmistificados. Como é descrito em:

Afirmar que a transexualidade é uma experiência identitária, que está relacionada à capacidade dos sujeitos construir novos sentidos para os masculinos e os femininos, não significa esquecer a dor e angústia que marcam as subjetividades daqueles que sentem e desejam viver experiências que lhes são interditas por não terem comportamentos considerados apropriados para seus sexos (Bento, 2008, p. 12).

Pautado pela literatura e nos dados obtidos com a entrevista de Ivan, identifica-se que a hipótese de que há uma ambivalência na realização transmasculina pelo reconhecimento do sujeito transmasculino como um homem pela sociedade é verdadeira. O homem trans recorre a símbolos normativos, no entanto, sua experiência comprova que não é algo alcançável pelos limites do seu corpo, então ressignifica símbolos e expressões e destitui os preceitos de gênero para si. Todavia, ainda continua a ser um alvo da sociedade, que não compreende como legítima sua existência, seu modo de ser e sua performance de gênero.

É perceptível que o transmasculino busca a inclusão de pessoas que possuem crenças mais parecidas com ele e opta por evitar aqueles com quem não têm um diálogo aberto. Ele se apropria da própria experiência e vai construindo sua identidade a partir daquilo que faz mais sentido, conforme demonstrado. No entanto, é necessário pontuar que a experiência identitária é algo muito pessoal e singular a cada sujeito, o que significa que as vivências trans podem ser desenvolvidas de formas muito diversas.

Apesar das limitações de um estudo de caso, não se pode ignorar que a história pessoal de Ivan pode servir para que outros homens trans, ou de outras identidades, se sintam mais à vontade para se emancipar dos preceitos performativos de sexo-gênero estipulados pela sociedade. Assim, dentre as implicações práticas resultantes, defendemos a possibilidade desta pesquisa proporcionar maior compreensão à sociedade sobre as expressões e as dificuldades enfrentadas pelas pessoas trans, sobretudo maior compreensão às pessoas que atenderão demandas de saúde física e mental de transmasculinos. Além disso, compreendemo-lo como uma importante ferramenta teórica para subsidiar novas práticas culturais que superem a concepção dicotômica de gênero e reconheçam a legitimidade de corpos não cisgêneros.

Esse estudo não esgota as discussões sobre as performances transmasculinas e muito menos sobre a identidade trans como um todo. Incorpora-se aqui os conceitos já elaborados por filósofos, psicólogos, antropólogos e diversos outros teóricos que discutem o tema a uma vivência particular que contribui para reforçar o que a literatura defende. Para novos estudos, sugere-se aos pesquisadores a adesão de outras identidades de gênero.

Contribuições dos autores

Os autores declararam ter feito contribuições substanciais ao trabalho em termos da concepção ou desenho da pesquisa; da aquisição, análise ou interpretação de dados para o trabalho; e da redação ou revisão crítica de conteúdo intelectual relevante. Todos os autores aprovaram a versão final a ser publicada e concordaram em assumir a responsabilidade pública por todos os aspectos do estudo.

Conflitos de interesses

Nenhum conflito financeiro, legal ou político envolvendo terceiros (governo, empresas e fundações privadas, etc.) foi declarado para nenhum aspecto do trabalho submetido (incluindo, mas não se limitando a subvenções e financiamentos, participação em conselho consultivo, desenho de estudo, preparação de manuscrito, análise estatística, etc.).

Indexadores

A Revista Psicologia, Diversidade e Saúde é indexada no [DOAJ](#), [EBSCO](#) e [LILACS](#).



Referências

- Almeida, R. G., & Santos, M. A. (2021). Transmasculinidade e Teoria Queer: a experiência corporal da infância à vida adulta. *Psicologia & Sociedade*, 33, 1-17. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2021v33240127>
- Barbosa, M. S., Miranda, J. M. F., & Bessa, S. (2024). Estereótipos de gênero e super-heróis: um estudo realizado com crianças do ensino fundamental. *Diversidade e Educação*, 9(2), 739-756. <https://doi.org/10.14295/de.v9i2.13205>
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Benevides, B. G. (Org.). (2024). *Dossiê assassinatos e violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2023*. ANTRA. <https://antrabrasil.org/wp-content/uploads/2024/01/dossieantra2024-web.pdf>
- Bento, B. (2006). *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Garamond.
- Bento, B. (2008). *O que é transexualidade*. Brasiliense.
- Bento, N. M. J., Xavier, N. R., & Sarat, M. (2020). Escola e infância: a transfobia rememorada. *Cadernos Pagu*, 59, 1-25. <https://doi.org/10.1590/18094449202000590011>
- Bomtempo, J., & Mendes, J. A. A. (2020). Risco, proteção e empoderamento na adolescência transexual: Reflexões a partir de um estudo de caso. In A. O. Lima, T. A. Andrade, & U. C. Cunha (Org.), *Juventudes: Pesquisas e campos de atuação* (pp. 37-52). CRV. https://www.researchgate.net/profile/Josimar-Mendes/publication/341525869_Risco_Protecao_e_Empoderamento_na_Adolescencia_Transexual_reflexoes_a_partir_de_um_estudo_de_caso/links/5f1b3594a6fdcc9626b00711/Risco-Protacao-e-Empoderamento-na-Adolescencia-Transexual-reflexoes-a-partir-de-um-estudo-de-caso.pdf
- Butler, J. (2018). *Problemas de Gênero*. Civilização Brasileira.
- Esper, M., Unsain, R. F., & Figari, C. (2022). Masculinidades hegemônicas sob o olhar infantil. *Psicoperspectivas*, 21(2), 1-15. <http://dx.doi.org/10.5027/psicoperspectivas-vol21-issue2-fulltext-2511>
- Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa* (4a. ed.). Atlas.
- Gomes, J. F., & Aragão, G. L. C. C. (2022). Sexualidade e resistência em Viagem solitária: memórias de um transexual trinta anos depois, de João Nery. In C. R. Silva (Org.), *4º Colóquio da Língua de Eros: Cala a boca já morreu quem manda no meu gozo sou eu* (pp. 27-36). Ed. dos Autores. <https://ppglettras.ufc.br/wp-content/uploads/2023/08/coletanea-4-coloquio-lingua-eros.pdf>
- Louro, G. L. (2000). *O corpo educado*. Autêntica.
- Louro, G. L. (2001). Teoria queer - uma política pós-identitária para a educação. *Revista Estudos Feministas*, 9(2), 541-553. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2001000200012>
- Ministério da Saúde. (2019). *Homens trans: vamos falar sobre prevenção de infecções sexualmente transmissíveis?* https://antrabrasil.files.wordpress.com/2020/03/cartilha_2019_final_web_5.pdf
- Miranda, D. (2022). Eu Quero Ser um Cara no Mundo da Vida: luta de um homem trans por reconhecimento. *Revista Científica Gênero na Amazônia*, 1(22), 89-106. <https://periodicos.ufpa.br/index.php/generoamazonia/article/view/13485/9371>

- Nascimento, R., Helmmann, F., & Garcia, O. R. Z. (2023). Gravidez de pessoas transmasculinas: paradoxo ou reinvenção da masculinidade? *RELIES: Revista del Laboratorio Iberoamericano para el Estudio Sociohistórico de las Sexualidades*, 9, 77-90. https://www.researchgate.net/publication/372536732_Gravidez_de_pessoas_transmasculinas_paradoxo_ou_reinvencao_da_masculinidade
- Oliveira, L. N., Santos, M. L. S. C., Camacho, A. C. L. F., Soares, R. S., Ramos, R. S., & Fully, P. S. C. (2022). The patient's perception of Penectomy: an integrative review [A percepção do paciente sobre a penectomia: uma revisão integradora]. *Research, Society and Development*, 11(7), 1-8. <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i7.29586>
- Pimentel, L. A. R. (2023). A dissidência de gênero e os imperativos de uma masculinidade hegemônica: das discursividades e das subjetividades. In *Anais do XXVI Congresso nacional de linguística e filologia* (pp. 10-18). CÍFEFIL. http://www.filologia.org.br/xxvi_cnlf/cnlf/tomo01/Cad_CNLF_XXVI_Textos_completos.pdf
- Ramalho, N. (2023). O “modelo médico” e a procura pela “normalização” de gênero e sexual: uma análise histórico-crítica sobre as categorias “travesti” e “transexual”. *Revista Conhecimento Online*, 2, 184-210. <https://doi.org/10.25112/rco.v2.3290>
- Silva, M. O. (2023). Os adultos e o gênero na educação infantil em registros de diário. *Revista Educação em Páginas*, 2, e13819. <https://doi.org/10.22481/redupa.v2.13819>
- Siqueira, M. (2024). Transexualidades: invisíveis nos direitos, presentes nos estudos clínicos e manuais médicos. *Revista Cactácea*, 4(10), 23-34. <https://rgt.ifsp.edu.br/ojs/index.php/revistacactacea/article/view/108>
- Vargas, G. F. (2021). *Masculinidade hegemônica e teoria de gênero: uma análise de caso* [Trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. Lume Repositório Digital. <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/229567>